

RESERVA BIOLÓGICA



O QUE VOCÊ VAI VER
NESTA REPORTAGEM:

■ O tesouro biológico da
floresta tropical.
Página 38

■ Os últimos cerrados
virgens de Rondônia.
Página 40

■ Os animais atraídos pela
estiagem no pantanal.
Página 42

■ O mistério dos índios que
ainda fogem dos brancos.
Página 44

ILUSTRAÇÃO LUIZ RIA



*Abra os olhos. Você vai conhecer um paraíso vedado à
visitação. A Reserva Biológica do Guaporé, criada em 1982,
é um santuário ecológico na fronteira de Rondônia com a
Bolívia. Tem 6 800 quilômetros quadrados
com três ecossistemas diferentes: floresta,
cerrado e pantanal, e até índios
desconhecidos que fazem os
maiores arcos do Brasil*

TEXTO E FOTOS POR MARIA DANIA JUNGES

FOTOS: MARIA DANIA JUNGES

Guaporé

ENTRE NO ÉDEN PROIBIDO

A biologia em cinco andares

Partes da Reserva Biológica do Guaporé — ou apenas “Biológica”, como dizem os íntimos — preservam florestas tropicais úmidas típicas da Amazônia



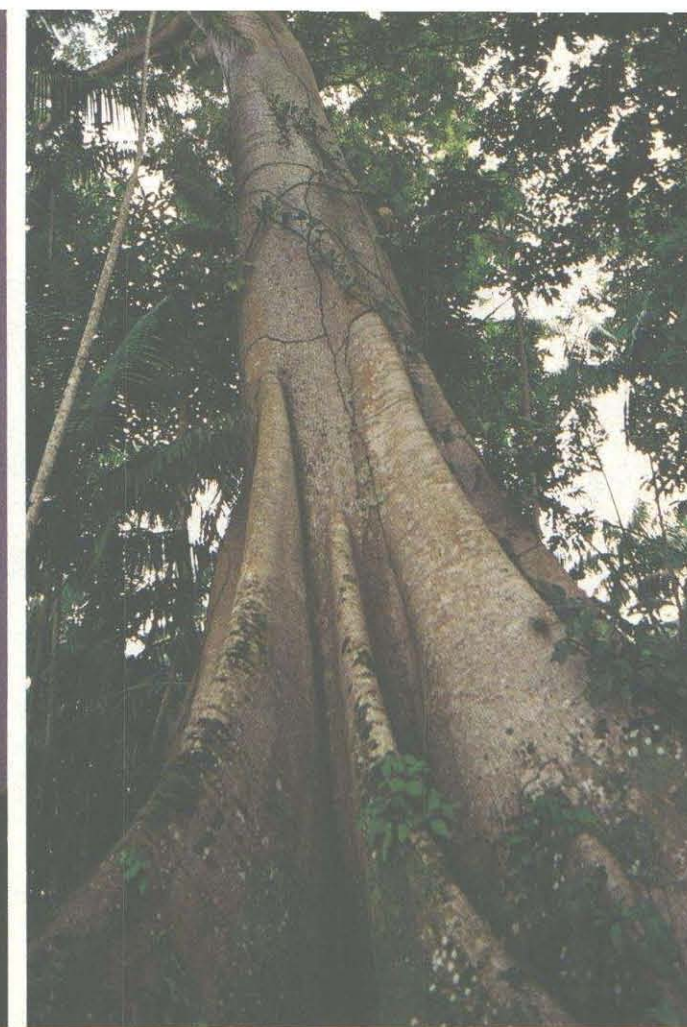
Enquanto em Belo Horizonte chove 1 250 milímetros por ano, no Guaporé chove 2 200 milímetros. A temperatura média é de 25 graus centígrados e a variação térmica entre um ano e outro é insignificante (inferior a 1 grau centígrado). Ou seja, o clima é muito estável, quente e úmido. Por isso, a vegetação se reproduz sem parar, como numa estufa. Não há estação em que as plantas não germinem, cresçam e floresçam. Daí a grandiosidade da floresta: a castanha-do-pará e a sumaúma atingem até 65 metros de altura — o tamanho de um prédio de vinte andares. A propósito, as florestas da reserva, em seu conjunto, podem ser comparadas a um edifício de quatro andares. No alto, a cobertura é habitada por macacos como o barrigudo e o guariba. Ali, vicejam flores com raízes aéreas, como as orquídeas. As copas das grandes árvores, espaçadas entre si, deixam passar um pouco de sol para as de tamanho médio, do terceiro andar.

O segundo, é formado por árvores de 5 a 12 metros, com copas estreitas e próximas. São elas que dão a sombra necessária para os arbustos do primeiro andar e para as ervas, samambaias e flores do térreo, onde caminham onças, antas, veados, pacas e porcos-do-mato. O chão é um canteiro de obras em que trabalham insetos, bactérias e fungos sobre uma camada densa de raízes decompostas, troncos, gravetos e folhas caídas. Essa camada estreita de matéria orgânica decomposta é o verdadeiro Eldorado da Amazônia, pois abriga um dos maiores mananciais genéticos do mundo — mais da metade de todas as espécies vivas do planeta. Mas, estranhamente, embora a reserva tenha sido criada com finalidades científicas, até agora nenhuma equipe realizou pesquisas por lá. É um tesouro intacto, porém desconhecido. Aliás, a comunidade científica ainda tem muito o que fazer a respeito das florestas tropicais úmidas: apenas 1% das suas plantas foram investigadas até agora.



Morador de cobertura

As asas do jaburu têm 3 metros de envergadura (da ponta de uma asa à ponta da outra). No seu papo cabe até filhote de jacaré.



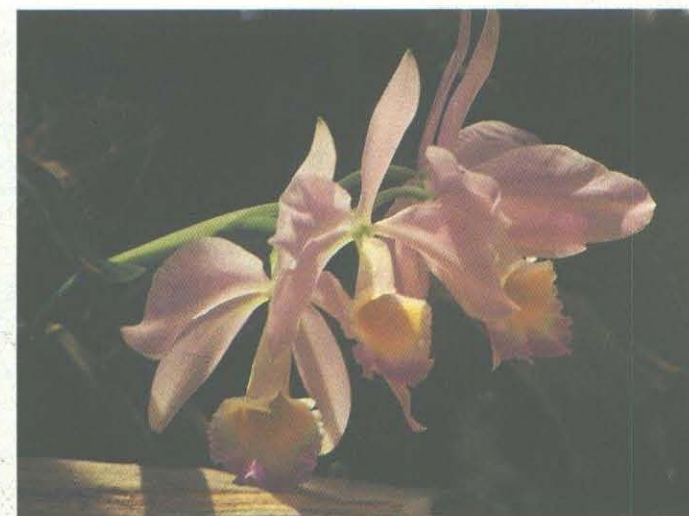
Músculo da Terra

A sumaúma é um gigante de raízes tubulares. Suas flores contêm paina (fibras sedosas que parecem algodão), usada em travesseiros e salva-vidas.



Flor noturna

As pétalas da Vitória-Régia só abrem à noite. As folhas chegam a 1,80 metro de diâmetro. As sementes produzem amido.



Sustentável leveza

Há dezenas de espécies de orquídeas na floresta do Guaporé. Algumas vivem penduradas na copa das árvores e crescem suspensas no ar.



Quebra ossos

A Sucuri mede 9 metros. Enrosca-se nas presas e quebra seus ossos. Come peixes, aves e mamíferos. Fica até 1 hora embaixo d'água.

O desabrigo da onça

A onça-pintada pesa até 130 quilos, não faz toca e não tem morada fixa. É uma solitária.



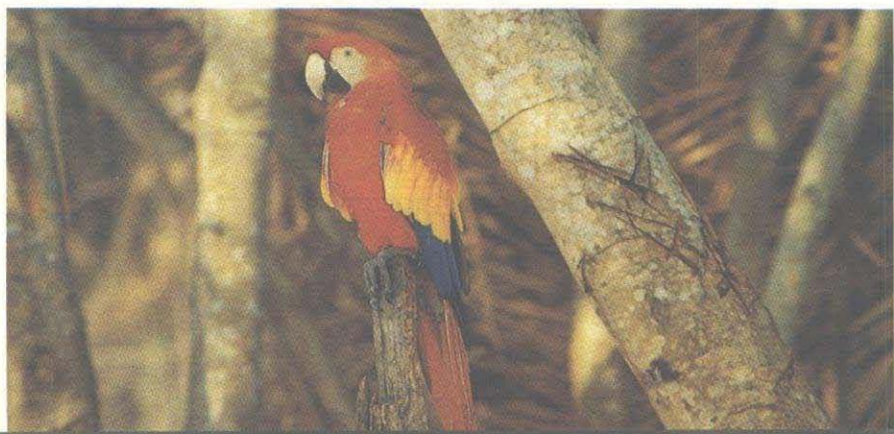
Beleza áspera

As bromélias crescem sobre pedras e árvores. Em seu núcleo úmido vivem insetos e anfíbios.



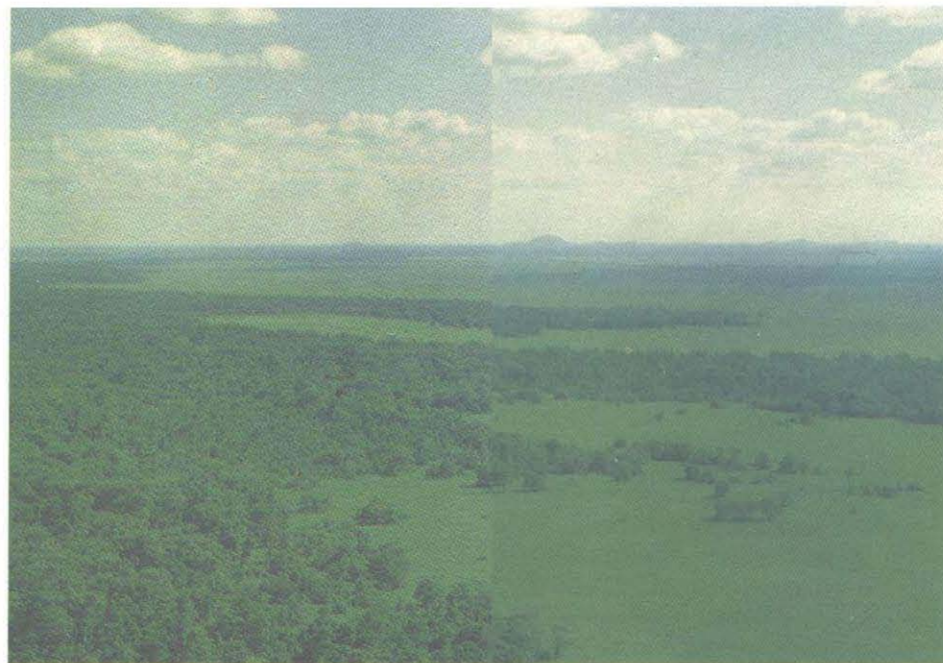
Fúria de arara

Elas voam em pares lançando gritos estridentes. As penas vermelhas, azuis e amarelas atraem os caçadores.



As terras arejadas e cobiçadas

Manchas de campos abertos, no sul da reserva, atraem animais andarilhos, grandes aves e a ambição dos fazendeiros



A Biológica tem um dos poucos cerrados virgens que restam no centro-oeste. Até 1956, Rondônia (assim denominada em homenagem ao marechal Cândido Rondon, que desbravou a região no começo do século XX) era chamada de Território do Guaporé. Com a abertura da rodovia BR-364 (Cuiabá — Porto Velho), em 1968, as migrações dirigidas para os projetos de colonização induziram à explosão demográfica e à ocupação desordenada da região. O velho Guaporé perdeu 21% das suas florestas e, em vinte anos, 63% da área desmatada foi abandonada. Foi então que, em 1982, criou-se a reserva. Quando ocupar a terra era a ordem, o cerrado, coberto de pastos naturais, virou presa da agropecuária. Apesar da baixa fertilidade, é mais valorizado porque dá menos trabalho ao fazendeiro: não precisa desmatar, é só soltar o gado. Por isso, os cerrados virgens da Reserva do Guaporé atraem como um ímã os fazendeiros e colonos da cidade

mais próxima, Alta Floresta D'Oeste, a 50 quilômetros. Em compensação, desde 1991 a fiscalização da reserva melhorou. Atualmente, na área protegida dos invasores, o ambiente do cerrado viceja. Nos campos abertos, a vegetação de baixo porte favorece a penetração de luz. As gramíneas, como o capim-flecha, chegam a atingir dois metros de altura, escondendo emas, veados-campeiros e veados-mateiros. Atrás, esgueiram-se os predadores, como a onça-pintada e a suçuarana. Na beira das lagoas, existem capivaras e antas. Pelo céu do cerrado viajam aves capazes de voar longos percursos, como as cegonhas e o gavião-belo — um pescador exímio que espregueia, do alto das árvores, as lagoas e as margens de rio. No mesmo céu, avista-se o tucano-açu, um dos maiores do Brasil. Nada conciliador, ele se vale do bico longo para destruir ninhos alheios e devorar filhotes de outras aves. Afável de vez em quando, o açu também aprecia frutos variados.



Palmeiras esguias

Nos banhados, esticam-se os buritis. As folhas servem para trançar cestos e fazer teto de cabana.



Imigrante americano

O veado-campeiro veio da América do Norte há três milhões de anos. Sai à noite para pastar.

Pescador exímio

As ariranhas andam em pares ou grupos. Comem peixes, ovos e aves. Podem permanecer longo tempo submersas.



Cor e contraste

Os aguapés cobrem as margens dos rios. Destacam-se do verde com flores brancas, azuis e violetas.



Ela é uma anta

O maior mamífero terrestre do Brasil pesa até 200 quilos. É desajeitada, vê mal, mas ouve tudo.



Maior promiscuidade

Os biguás negros dividem as praias e até os ninhos com as garças e os maguaris. Em setembro, as aves invadem o Guaporé.



Muito calor

O jacaré-papo-amarelo passa o dia na praia sob o sol, imóvel. De noite, come o que passar por perto — de preferência caranguejo.

... E toda a natureza foi para o brejo

As inundações periódicas do rio Guaporé criam pântanos e baías de água doce repletas de animais, plantas e flores



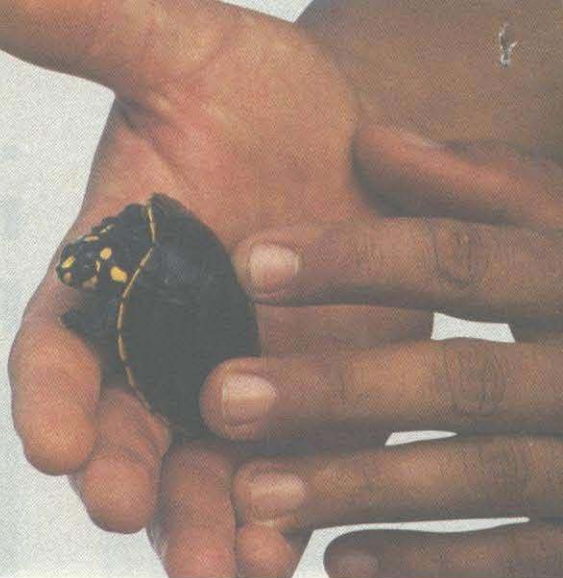
Boa parte do território da Biológica é uma planície, que se estende ao longo da bacia do Rio Guaporé, em tudo semelhante ao pantanal matogrossense. É lá que se desenvolve a única pesquisa dentro da reserva. Desde 1976, o Projeto de Proteção e Manejo de Quelônios, dirigido pela Secretaria Estadual de Agricultura de Rondônia e pelo Ibama (Instituto Brasileiro de Meio Ambiente), recolhe os filhotes da tartaruga da Amazônia, conhecida como tracajá. Na estação da seca (de agosto a outubro), acontece a desova nas praias. Os filhotinhos demoram 45 dias para nascer. Todo ano, milhares de tartaruguinhas recém-nascidas são transportadas para berçários, na cidade de Costa Marques, 80 quilômetros a oeste da reserva. Depois de alimentadas, são devolvidas ao rio. Na época das chuvas (de dezembro a julho), as partes mais baixas do Guaporé ficam quase permanentemente alagadas e apresentam grande variedade de vegetais hidrófitos (que vivem na

água). Nos meses de estiagem surgem trechos secos, de vegetação rasteira e palmeirais de miriti, buriti, envira e imbaúba. Na cheia, a água sobe até 15 metros e entra 40 quilômetros terra adentro, estendendo o habitat dos jacarés, antas, capivaras, ariranhas e do raro cervo do pantanal (*Blastocerus dichotomus*). Então, centenas de lagos e baías de água doce se instalam à beira do Rio Guaporé. As flores dos aguapés cobrem a superfície da água, escondendo as piranhas entre suas raízes. Nas praias, bandos de ariranhas e capivaras fogem dos predadores. É possível ver os botos cor-de-rosa nadando quando vêm respirar à superfície. Peixes como o pacu, que se alimenta de frutos, o tucunaré, o dourado, o tambaqui e a pirapitinga habitam as águas da reserva. E nadam tranquilos: a pesca, como a caça, é proibida. Nos meses secos, quem invade as praias recém-formadas são bandos barulhentos de aves pernaltas, como colhereiros, garças e maguaris. ■

Caçadores dos arcos gigantes

Homens misteriosos vivem na Biológica. Ninguém sabe quem eles são nem como manejam seus arcos de 3 metros de altura

A única pesquisa em curso na reserva é sobre as tartarugas — os tracajás da Amazônia. Elas nascem pequenininhas, mas quando crescem, chegam a medir 80 centímetros de comprimento por 60 centímetros de largura e a pesar 60 quilos. O tracajá é a maior tartaruga de água doce encontrada na América do Sul



Este arco, o maior do Brasil, foi achado na reserva. Manejá-lo em plena floresta, perseguir a caça, apontar e atirar com rapidez não é nada fácil



FOTO RICARDO ARNT

O Brasil tem 203 povos indígenas e 260 mil índios. Mas há referências sobre mais 53 grupos não contactados, 41 dos quais nem se sabe bem onde estão. Rondônia hospeda seis dos doze grupos já localizados. Um se assentou na Reserva Biológica do Guaporé. Há sete anos a Fundação Nacional do Índio (Funai) vem reunindo informações sobre eles. Já foram encontrados 53 vestígios de acampamentos com restos de cerâmica, machados de pedra, redes e palhoças.

Os índios são nômades e não praticam a agricultura. Em três ocasiões, foram vistos. Têm estatura mediana (1,70 metros), cabelos longos e não usam adornos. Podem ser uma centena. Fogem do pessoal da Funai enterrando estrepes nas trilhas — perigosos espetos de 30 centímetros de comprimento capazes de varar os pés dos perseguidores. É óbvio que não querem ser incomodados. Não se sabe ao certo, mas podem pertencer ao povo sirionó, um ramo da linhagem tupi-guarani que se concentra na Bolívia. O mais intrigante é o arco de pupunha (uma madeira dura porém flexível) que eles fabricam: com três metros de comprimento (e flechas de 2,80 metros), é o maior arco indígena já encontrado no Brasil. Para atirar com um arco desse porte, os sirionó da Bolívia precisam apoiar uma ponta no chão. A existência dos índios é um paradoxo da reserva. Por

definição, reserva biológica é uma unidade de conservação que abriga ecossistemas de relevante importância científica cujos recursos têm que ser protegidos dos homens, índios inclusive. Quando ela foi criada, em 1982, não havia provas da existência dos índios. Por isso, há quem defenda que o Guaporé deixe de ser Reserva Biológica e passe a ser Área Indígena.

Outro paradoxo: as 23 Reservas Biológicas do Brasil são proibidas à visitação. Entretanto, desde sua criação, a Biológica do Guaporé vem sendo depredada. Segundo a Secretaria de Meio Ambiente de Rondônia, 48 000 árvores já foram roubadas por madeireiras. Em 1991, a Operação Amazônia, realizada pelo Ibama, reprimiu o saque e retirou de lá dezesseis famílias de posseiros. Mas, em março último, foi fundada, em Alta Floresta D'Oeste, uma Associação de Despejados da Reserva Biológica com nada menos de 1 300 associados. Fora da reserva, a espécie dos despejados, incrivelmente, prolifera. Todo mundo quer um pedaço da Biológica.

RICARDO ARNT

PARA SABER MAIS

Parques Nacionais e Reservas Biológicas do Brasil, Maria Tereza Jorge Pádua, IBDF, Brasília, 1983.
Planaflo, Secretaria de Planejamento do Estado de Rondônia, Porto Velho, julho de 1990.